MEMÓRIA

Ressurge o fantasma do pesadelo nuclear

Falta de segurança nos arsenais da ex-URSS pode permitir que ogivas caiam em poder de terroristas

NEWSWEEK

Os terroristas passaram despercebidos. Ao meio-dia, no centro da Ilha de Manhattan, os dois, com pastas nas mãos, pareciam apenas homens de negócios. Mais tarde, pareciam remexer o conteúdo das pastas. Depois, a ofuscante bola de fogo, que matou instantaneamente dezenas de milhares de nova-iorquinos, anunciou que a guerra nuclear havia acabado de chegar ao país que foi o primeiro a conseguir a fissão nuclear. Já era tarde demais para evitar a catástrofe.

50 ANOS

Durante anos, versões desse cenário de pesadelo foram imaginadas. Era puro exagero. Um grupo terrorista, com recursos e tecnologia suficientes para desenvolver uma "mochila nuclear", precisaria ser muito grande, rico e sofisticado a ponto de rivalizar com um país.

O roubo de materiais primários era a única maneira de encurtar as rotas para o plutônio altamente enriquecido num reator, ou para o urânio de refino numa usina de enriquecimento, pois os depósitos de ingredientes da bomba atômica estavam rigorosamente protegidos. Por isso, importava manter essa tecnologia sensível fora das mãos de possíveis potências nucleares.

Hoje o cenário terrorista se tornou aterradoramente real. Com o controle da Rússia sobre seus materiais nucleares enfraquecido, há a ameaça de que estes, por meio de contrabandistas, sejam levados para fora do país e caiam em mãos terroristas.

Mas, para os veteranos da luta contra a proliferação nuclear os tempos de hoje até que são melhores. Isto porque a competição entre Washington e Moscou em grande parte acabou. Os EUA e a Rússia estão desmantelando seus mísseis intercontinentais e ogivas múltiplas com a maior rapidez possível. E, no início deste ano, mais de 170 signatários do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP) decidiram prorrogá-lo por tempo indefinido.

No entanto, estes são também os piores tempos, porque, nos destroços da guerra fria, continuam a existir armas nucleares, além de plutônio e urânio em grau suficiente para produzir armas. O principal problema ainda é a Rússia. Mas, hoje, o problema é a fraqueza russa, não a sua força.

Essa história, até agora, é de contenção. Em 1963, o então presidente John F. Kennedy receava que até 1975 os países detentores de armas nucleares poderiam chegar a 20. Naquela época, havia quatro potências nucleares declaradas: EUA, União Soviética, França e Inglaterra. A China explodiu uma bomba no ano seguinte. Essa ainda é a lista oficial (três outros países se tornaram nucleares, sem admitir esse fato: Israel, Índia e Paquistão).

Taiwan e Coréia do Sul iniciaram esforços para construir a bomba na década de 70, mas desistiram sob a forte pressão dos EUA. Mais recentemente, a Ucrânia, a Bielo-Rússia e o Casaquistão renunciaram à herança nuclear que lhes coube depois da dissolução da União Soviética.

O colapso da URSS abriu a porta à proliferação numa escala anteriormente inimaginável. Nos tratados Start de 1991 e 1993, os EUA e a ex-União Soviética concordaram em reduzir drasticamente suas ogivas estratégicas. O problema é que, na Rússia, isso significou transferir cerca de 3 mil ogivas por ano do controle dos militares, onde as salvaguardas eram rigorosas, para o controle do Ministério de Energia Atômica. Neste órgão, segundo especialistas americanos, a proteção contra o roubo é muito relaxada.

Falta de segurança — Investigação realizada pela equipe do presidente russo, Boris Yeltsin, identificou no ano passado nove instalações que precisam urgentemente de modernos sistemas de segurança. Mas isso é apenas o início da solução para o problema: segundo especialistas americanos, nenhuma das quase 90 instalações russas, nas quais estão estocadas 700 toneladas de materiais nucleares em grau de produção de armas, conta com segurança adequada.

Em lugar da corrida armamentista, agora se tenta persuadir e ajudar a Rússia a aplicar salvaguardas para evitar que alguns dos materiais mais letais do mundo caiam em mãos erradas. E o Pentágono gasta este ano US$ 100 milhões na luta contra a proliferação de alta tecnologia para rastrear e, se necessário, adotar medidas contra potências nucleares desonestas.

Foto do Departamento de Defesa americano mostra a coluna de fumaça provocada pela explosão da bomba atômica em Hiroshima. Entre os objetos recolhidos depois na cidade estão o casaco de um estudante e um relógio cujo mecanismo parou no momento da explosão. Os corpos dos donos nunca foram encontrados

A INVASÃO QUE NÃO HOUVE

Muito antes de os chefes do Estado-Maior americano conhecerem a verdadeira potência da bomba atômica, eles planejaram a mais ambiciosa operação anfíbia de toda a história, para derrotar o Exército japonês

1 - OPERAÇÃO OLÍMPICA

Prevista para 1º de novembro de 1945: sob o comando conjunto do general Douglas MacArthur e do almirante Chester Nimitz, 13 divisões do 6º Exército Americano - quase 650 mil homens, 2,5 mil navios e 5 mil aviões - abririam três frentes no litoral sul de Kyushu. A meta: avançar para o norte e formar uma linha de Sendai a Tsuno, garantindo a posse de um terço da ilha.

2 - OPERAÇÃO CORONET

Programada para 1º de março de 1946: O 1º Exército Americano atacaria a Praia Kujukuri e avançaria em direção a Tóquio. O 8º Exército atacaria a Baía de Sagami e depois avançaria em direção leste para a conquista da Península Miura.

Uma operação muito maior do que a invasão da ilha de Kyushu, a Coronet provavelmente não seria necessária.

A invasão do Japão - conhecida pelo codinome Downfall ("Derrubada") - estava prevista para 1º de novembro de 1945, o Dia X. Divisões do 6º Exército do general Douglas MacArthur, com o apoio de ataques aéreos e de uma blitz naval comandada pelo almirante Chester Nimitz atacariam a zona de praia "Town Car" no litoral leste de Kyushu, a ilha situada mais ao sul do arquipélago.

O 5º Corpo Anfíbio dos Fuzileiros Navais, formado por veteranos de Iwo Jima, atacaria no litoral oeste na zona de praias "Taxicab".

A primeira parte da ofensiva dupla americana para forçar uma rendição incondicional do Japão, a Operação Olímpica, teria sido o maior esforço anfíbio da guerra. Os japoneses, que previam essa invasão, tinham reunido 540 mil homens para defender Kyushu - e planejavam usar 5 mil aviões camicazes para forçar Washington a aceitar um acordo negociado. Mas os líderes americanos não estavam dispostos a negociar. Apesar de saberem que o público americano, cansado de guerra, não toleraria uma invasão prolongada, eles ainda estavam preparados para usar quaisquer meios para garantir uma vitória total - incluindo gases venenosos, segundo um livro recente, "A Invasão do Japão", escrito por John Ray Skates, professor da University of Southern Mississippi.

Antecipando um intenso envolvimento de 90 dias, o comando americano esperava um elevado número de baixas: até 20 mil mortes e 75 mil feridos. Caso necessário, uma segunda fase - a Operação Coronet - seria desfechada em 1º de março de 1946. A Operação Coronet foi concebida como um enorme nocaute por 25 divisões americanas contra a Planície Kanto - um trecho de área industrial com 200 quilômetros no centro de Honshu, incluindo Tóquio - para forçar o Japão a cair de joelhos. A bomba atômica mudou todos os planos. A Operação Downfall passaria à história como a invasão que não houve.

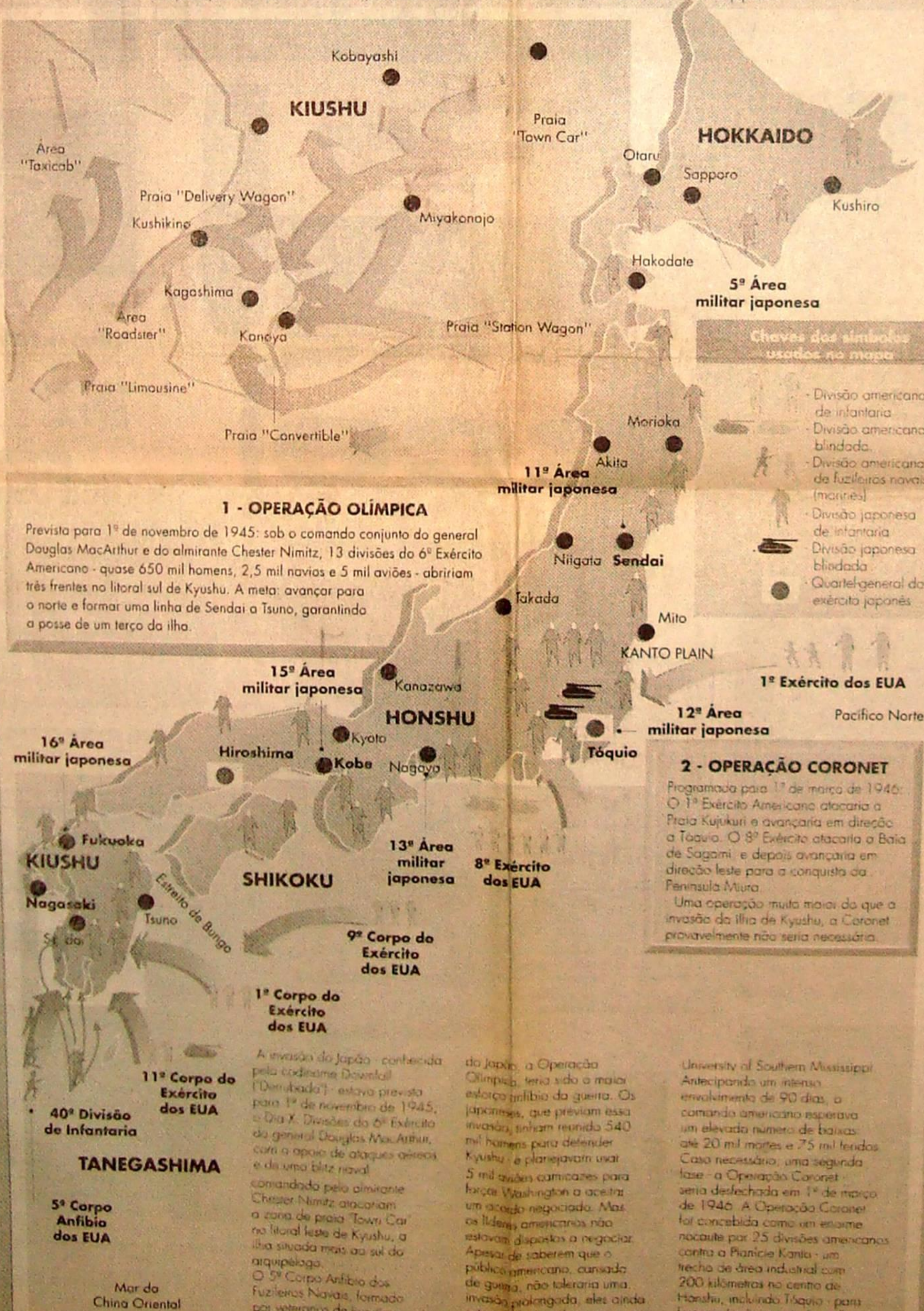
'Bomba-relógio' genética acabou não explodindo

Efeitos da radiação nos sobreviventes e em seus filhos foram bem menores que os temidos

Aos 6 de agosto de 1945 Hiroto Kuboura estava na estação de trem de Hiroshima quando caiu inconsciente, derrubado pela onda de pressão causada pela explosão da bomba atômica. Perdeu a vista esquerda e teve problemas nos rins, fígado e pâncreas, mas seu verdadeiro temor era conviver com os efeitos da radiação que seus futuros filhos apresentariam. Logo depois, o filho de Kuboura nasceu. "A minha constante preocupação era saber se ele estava bem", diz o pai. E a criança era de fato saudável. Mas o casal optou por não ter outro filho, temendo que a sorte não os acompanhasse mais uma vez.

Em 1946, experiências com camundongos mostravam que a radiação poderia causar tanto o câncer quanto imperfeições genéticas nos descendentes. No entanto, com estudos mais atuais, os cientistas chegaram ao consenso de que, a longo prazo, os efeitos da bomba nos sobreviventes e em seus filhos são bem menores do que era esperado pelas vítimas, pela opinião pública e até pelos cientistas.

Muitos continuaram a sofrer, é verdade. Em 1994, cientistas japoneses e americanos da Fundação de Pesquisa dos Efeitos da Radiação revelaram que a exposição à radiação da bomba atômica aumentava a freqüência de nove formas de câncer, principalmente a leucemia. No grupo de estudo que analisou 86 mil pessoas, a radiação atômica causou 420 casos de câncer a mais do que ocorreria naturalmente. Um risco adicional de 8% a 12% de desenvolver câncer. Além disso, 21 das 500 mulheres que estavam grávidas naquele agosto de 1945 tiveram filhos com problemas mentais, numa incidência quatro vezes maior do que em um grupo de mulheres saudáveis. Mas, contrariando a perspectiva de que o sofrimento se prolongaria por várias gerações, um teste feito com 72.216 pessoas nascidas até nove meses depois da explosão não aponta o aumento de imperfeições congênitas, anormalidades cromossômicas ou incidência de câncer.

A constatação contradiz o temor geral de que as crianças concebidas a partir de então fossem verdadeiras bombas-relógio genéticas, carregando células reprodutivas deficientes que formariam gerações geneticamente imperfeitas. (Newsweek)

BREVES

Não há ecologistas em Mururoa, diz França

PARIS — A Marinha francesa afirmou neste sábado que os três ecologistas que, segundo o Greenpeace, tinham conseguido entrar em Mururoa estão na verdade a 200 quilômetros dali, num barco do grupo ecologista perto de Vanavana — outro atol desabitado do Pacífico Sul. Numa nota, a Marinha assinalou que um patrulheiro francês viu o barco Vega rebocando o bote dos ativistas, o Zodiac — que havia "desaparecido" no dia 10 perto de Mururoa, onde a França pretende realizar testes nucleares a partir de setembro.

De surpresa, Saddam dá anistia para presos

NICÓSIA, Chipre — Numa medida aparentemente destinada a obter a suspensão das sanções econômicas impostas pelas Nações Unidas em 1990, o presidente iraquiano, Saddam Hussein, concedeu ontem anistia a milhares de presos, informou a agência iraquiana *Ina*. Entre os beneficiados há desertores do Exército, que já haviam sido condenados à amputação da orelha, e ladrões, cujas mãos seriam cortadas. Com a medida, eles não mais sofrerão amputações. A anistia não se aplica a traficantes de drogas, espiões e estupradores.